

ENTRE O NORTE E O SUL, ENTRE TEIXEIRA DE PASCOAES E RAUL PROENÇA: A GÉNESE DA RENASCENÇA PORTUGUESA

Celeste Natário
Universidade do Porto

Resumen

Nuestro propósito, en este texto, es recordar la génesis de la *Renascença Portuguesa*, el movimiento cívico y cultural más importante a comienzos del siglo XX en Portugal. Según defenderemos, el destino de este movimiento se jugó entre dos personas, Teixeira de Pascoaes y Raul Proença, representantes de dos tradiciones diferentes: la del Norte, más poética, y la del Sur, más racionalista.

Palabras clave: Renascença Portuguesa, Pascoaes, Proença, cultura política.

Abstract

Our purpose, in this paper, was to remember the origin of the *Renascença Portuguesa*, the most important civic and cultural movement in the beginning of the XX Century, in Portugal. As we will defend, the destiny of this movement was disputed between two persons, Teixeira de Pascoaes and Raul Proença, representing two different traditions: the North's, more poetical, and the South's, more rationalist.

Keywords: Renascença Portuguesa, Pascoaes, Proença, political culture.

Precursor em Portugal de algumas mutações culturais do séc. XX, o movimento da *Renascença Portuguesa* surge em 1912, no Porto, sendo considerado por alguns estudiosos como o mais importante movimento cultural do tempo. A este movimento estiveram ligados grande parte dos intelectuais mais representativos da época, como Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes, Álvaro Pinto, Raul Proença, António

Recibido: 23/02/07. Aceptado: 20/04/07.

Sérgio, Afonso Lopes Vieira e António Correia de Oliveira, entre outros. Alguns deles tinham já colaborado na revista *A Águia* (1ª série), fundada e dirigida por Álvaro Pinto, pouco tempo depois da proclamação da República, mais concretamente, em 1 de Dezembro de 1910. Esta revista, cujo nome, impregnado de sugestivo simbolismo, “soltando gritos heróicos de superioridade, alarga as asas no gesto impetuoso do arranque e já devora os ares, com fervor de vida e luta”, dirigiu-se à grandeza dos horizontes claros e quis voar “sempre mais para longe e para mais alto”¹, veio a ser, a partir da sua 2ª série, o órgão da *Renascença Portuguesa*.

Esta série, iniciada em 1912, depois da criação da Associação, apresenta também como subtítulo *Revista Mensal de Literatura, Arte, Ciência e Crítica Social*, passando assim a clarificar os objectivos do movimento.

A ideia que levou à criação da *Renascença Portuguesa* ficou a dever-se a Jaime Cortesão, que, numa carta a Raul Proença, falava do projecto de fundar “uma Associação dos artistas e dos intelectuais portugueses com o fim principal de exercer a sua acção, isenta de facciosismos políticos dentro da actual sociedade”². Nesta interessante e longa carta, datada de 26 de Julho de 1911, Jaime Cortesão escreve “que há na vida certos momentos divinos e inspirados de irresistível inclinação para o bem que é necessário aproveitar de pronto, não os deixar escapar”³. Além disso, esboça também já alguns dos objectivos que a Associação irá adoptar, entre os quais “uma acção social orientadora e educativa”, para acrescentar logo a seguir que “o que há a fazer é essa obra titânica de orientar esta gente, de criar um público consciente e ilustrado e de impor artistas e intelectuais”.

Unir forças e inteligências no sentido de proporcionar ao país uma maior cultura e educação, tentando ajudar a consciencializar o maior número de pessoas, no sentido de um renascimento, eram, desde logo, as necessidades que se impunham ao espírito de Cortesão.

Cumpre-nos, aqui, determo-nos sobre o destinatário da missiva, dada a importância que o “profeta da ideia” lhe atribuiu para que este projecto pudesse efectivamente concretizar-se. Este destinatário, tal como já referimos, era Raul Proença, grande companheiro e amigo de Cortesão.

Jaime Cortesão era um homem “quase” do Norte (Ançã, Coimbra), mais ligado aos “pensadores do Norte” e a uma certa vertente poética e

¹ Revista *Aguia*, 1ª série, nº 1, Porto, 1910, p. 16.

² Raul Proença, *Catálogo da Exposição Comemorativa do 1º Centenário (1884-1994)*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1995, coordenação de António Braz Oliveira, p. 277.

³ Idem, *ibidem*.

mística que, em termos filosóficos, teve marcas diferentes dos pensadores mais a sul do Mondego, onde um certo acento mais racionalista, influenciado no magistério positivista dos últimos anos do séc. XIX e primeiros anos do séc. XX, sob influência, entre outros, do grande mestre introdutor em Portugal do Positivismo de August Comte, Teófilo Braga.

Raul Proença, ao invés, era um homem do Sul, em quem a influência positivista se fez sentir, pelo menos, até aos anos de 1909-1910, data a partir da qual se distanciou desses ideais da sua juventude.

De qualquer modo, este facto não impediu Cortesão de o escolher para a nobre tarefa, escrevendo, na referida carta, que lhe “parece a criatura mais competente para vencer a primeira dificuldade dessa empresa”⁴. Embora Cortesão não se refira de forma directa a essa “primeira dificuldade”, parece que ela seria, sobretudo, de ordem legal e burocrática, ou seja, era necessário alguém que agisse, alguém que levantasse a primeira pedra. Sendo a ideia, tal como o seu autor a entendeu, “digna de todo o apoio honesto e desinteressado”, Raul Proença era, segundo Cortesão, o homem para a admirar e lhe prestar todo o auxílio.

O empenhamento e dinamismo que Raul Proença dedicava às causas que abraçava, imbuído de elevados valores éticos, eram, com certeza, aspectos da sua personalidade que Cortesão bem conhecia, sabendo também que um projecto desta índole agradaria por certo e, por isso, escreveu: “vou entregar nas suas mãos a ideia em bruto como um diamante que é necessário lapidar”⁵. Contudo, as razões de Jaime Cortesão para esta escolha tinham que ser mais alargadas. Raul Proença era um homem de espírito aberto a todas as ideias que tivessem como objectivo o progresso das sociedades e dos homens e, principalmente, que visassem uma transformação de mentalidades. Educação e cultura constituíram, para ele, as duas grandes áreas em que era necessário investir no sentido dessa transformação. Também Cortesão acreditava nestes princípios. Mas o perfil que acaba por nos ser traçado do assíduo colaborador da revista *Alma Nacional*, de António José de Almeida, onde se revelou importante crítico da jovem república, inspirado num vitalismo criador e nos mais elevados valores da vida humana, e do também assíduo colaborador na 1ª série da revista *A Águia*, ia mais longe, reconhecendo-lhe “espírito sistematizador, orientação clara, educação filosófica, conhecimento do meio, uma cristalina fluidez de estilo, etc, etc...”⁶, características que o

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

trabalho de criação e elaboração de um programa para a Associação que concebera, requeria.

A partir daqui, seria de esperar uma forte actividade por parte de Proença, sendo certa a sua anuência ao projecto, o que, contudo, não se veio a verificar, em virtude dos desenvolvimentos que se seguiram.

Referimos já a proveniência geográfica e filosófica de Cortesão, razão que pensamos ser importante para poder explicar, pelo menos em parte, o que a seguir se verificou.

Teixeira de Pascoaes que, na carta a que vimos aludindo, tinha sido sugerido para dirigir a revista da Associação, que, como se sabe, continuou a ser *A Águia*, embora com algumas alterações, foi quem acabou por dominar na criação e desenvolvimento da *Renascença*, assim como nas linhas orientadoras do movimento.

O poeta da Saudade tinha já grande parte da sua obra publicada, gozando de grande admiração e prestígio. Ao tomar conhecimento, pelo próprio Cortesão, do projecto em causa, em carta que este lhe dirige a 8 de Agosto de 1911, logo Pascoaes toma o assunto em mãos, diligenciando no sentido da sua concretização. Marca uma reunião para 27 de Agosto de 1911⁷, em Coimbra, onde deveriam estar presentes todos os adeptos da ideia, a fim de se determinar as linhas orientadoras da Associação. Esta, tal como Cortesão tinha já escrito na carta a Proença, seria composta por três grupos, com sedes em Lisboa, Porto e Coimbra. A reunião teve lugar, mas do grupo de Lisboa, de que fazia parte, além de Raul Proença, António Sérgio, Luís da Câmara Reis, João de Sarros, Afonso Lopes Vieira, António Correia de Oliveira, José de Magalhães, Mário Beirão, João de Deus Ramos, Lopes de Oliveira e Villa-Moura, ninguém apareceu, apenas estando presentes os homens do Norte – Jaime Cortesão, Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, Álvaro Ribeiro e Augusto Martins –, estando ainda presente Augusto Casimiro, o homem que representava Coimbra. Facilmente se depreende daqui o rumo que o movimento tomou. Teixeira de Pascoaes impõe-se efectivamente como grande arauto da *Renascença*⁸.

⁷ Jaime Cortesão: Carta a Teixeira de Pascoaes, 8 de Agosto de 1911, in “Para a História da Renascença Portuguesa, Ocidente, Lisboa, n.º 178, Fevereiro de 1953, p. 49.

⁸ Para uma melhor e mais desenvolvida compreensão deste assunto, consulte-se: Jaime Cortesão, in “O Norte e a Vida Portuguesa”, citado por António Braz de Oliveira, in “Jaime Cortesão e a *Renascença Portuguesa*”, *Diário de Lisboa*, 5/12/1984, p. 3; Jaime Cortesão, in *Portucale*, suplemento à 3a série, n.º 1, Porto, 1962, p. 3; Teixeira de Pascoaes, “Carta a Álvaro Pinto, 30/09/1911”, in *Ocidente*, Lisboa, n.º 178. p. 52; António

Mesmo assim, Raul Proença, incitado permanentemente por Jaime Cortesão, não esmorece e trabalha no sentido de contribuir para uma *Renascença* com uma visão mais ampla da realidade portuguesa. E, logo aqui, se vislumbra a diferença de perspectivas em relação ao projecto que animava um e outro autor.

A perspectiva saudosista e um lusitanismo alicerçado no génio da Raça, defendida por Pascoaes, a que, de um modo geral, o grupo do Norte não se opôs, começa por ser a orientação do movimento. Contudo, não estava de todo ausente a perspectiva dos homens de Lisboa, em que a formação mais racionalista era dominante, defendendo a ideia de um *Renascimento* diferente da via pascoaesiana. Assim sendo, embora a visão de Pascoaes estivesse praticamente assente, Lisboa não se tinha rendido à ideia, podendo falar-se de uma tensão doutrinal na origem do movimento⁹.

A definição prévia dos princípios, meios e fins a adoptar, não colhia, pois, o consenso dos dois grupos. Os estatutos redigidos em Coimbra referiam a redacção de um “Manifesto”, que exprimiria os tais princípios, meios e fins a dar à Associação. Ora, é exactamente a partir da redacção de um primeiro “Manifesto”, da autoria de Teixeira de Pascoaes, a que se seguiu um segundo, redigido por Raul Proença, que a tensão se oficializa, em virtude dos diferentes objectivos num e noutro veiculados. Contudo, algo havia em comum —procurar um novo caminho para dar uma finalidade à vida nacional— o mesmo será dizer, todos concordavam na necessidade de uma renascença portuguesa.

Desde os mais idealistas aos mais potencialmente revolucionários, a desilusão com os rumos da República instituída em 1910 era geral. E este era, também, um dos pontos que os unia, tal como o facto de desejarem intervir nos destinos do país sem qualquer vínculo ideológico partidário, não significando isto, porém, a ausência de uma intervenção política, sustentada pela acção pedagógica. Este ponto vai constituir, apesar de tudo, um grande motivo de divergência para com o grupo ligado a Teixeira de Pascoaes onde essa intervenção não contemplaria a acção política, contrariamente ao grupo de Lisboa, com destaque naturalmente para Raul Proença, que a considerava fundamental.

Consideremos, agora, os textos dos referidos manifestos, uma vez que é aqui que as dissidências se evidenciam. Desde logo, o começo dos

Braz de Oliveira, “Jaime Cortesão e Raul Proença: 30 Anos de Convívio Epistolar”, in *Revista da Biblioteca Nacional*, 2ª série, nºs 1 e 2.

⁹ Sobre este assunto, consulte-se Pinharanda Gomes, “A tensão Doutrinal na Génese da *Renascença Portuguesa*”, in revista *Nova Renascença*, Julho/Dezembro, 1987.

mesmos é elucidativo das divergências. O programa de Pascoaes tem como título: *A Renascença Lusitana – Ao Povo Português*. A ideia de *espírito lusitano*, tão cara ao poeta de *Marânus*, surge logo como alicerce do seu programa e pensamento saudosista, daí derivando a imagética pascoaesiana crente na possibilidade de uma nova civilização, de um ressurgimento nacional, em que a sociedade teria como base a tríade beleza, justiça e bondade. Perseguindo esse objectivo, escrevia Pascoaes: “O fim da renascença portuguesa é combater as influências contrárias ao nosso carácter étnico, inimigas da nossa autonomia espiritual e provocar, por todos os meios de que se serve a inteligência humana, o aparecimento de novas forças morais, orientadoras e educadoras do povo, que sejam essencialmente lusitanas, para que a alma desta bela Raça ressurgja com as qualidades que lhe pertencem”¹⁰. Neste sentido, consideraria o poeta que o movimento da Renascença teria que “reintegrar a alma da nossa Raça na sua pureza essencial, revelar o que ela é na sua intimidade e natureza originária, para que tome conta de si própria, e se torne activa e criadora, e realize, enfim, o seu destino civilizador”¹¹. A sua proposta era muito clara relativamente à educação: tinha que ser lusitana e não estrangeira, tal como a Arte e a Literatura teriam que ser genuinamente lusitanas, assim como a religião, que “no seu sentido mais elevado e filosófico, seja também lusitana”.

O sujeito da acção a desenvolver era indubitavelmente a Raça, acreditando que nela residia uma esperança (pensada como acto de saudade) e uma fé, uma vez que partia também da crença da sua originalidade, fundamento de uma civilização lusitana. Defendia, por isso, que a educação necessária ao povo para que a nação tivesse alma não comportaria qualquer elemento estranho, ou seja, a educação, a Arte, a Literatura e a Religião tinham uma origem —a Lusitânia—, afastando de forma peremptória quaisquer influências da “mixórdia europeia”¹². A cultura estrangeira seria a destruição da nossa peculiar fisionomia, da nossa autonomia espiritual, porquanto a Renascença teria apenas e só que ser lusitana, preservando-se de qualquer tipo de influência exterior.

O idealismo teístico do patriarca da Renascença vê neste “fechamento” ao exterior a única forma de ressurgimento nacional.

Quanto à Saudade, o sentimento-ideia que esteve na base de todo o pensamento pascoaesiano e era encarado como o próprio sangue espiritual

¹⁰ In *A Vida Portuguesa*, ano I, n.º 22, 10/2/1914, pp. 10-12.

¹¹ *Ibidem*.

¹² Teixeira de Pascoaes, “Os Lavradores Caseiros”, in revista *A Águia*, I, 1ª série, n.º I, Dezembro de 1910, p. 8.

da Raça e seu perfil eterno, constituía, afinal, a própria Renascença. A Saudade era assim uma espécie de intuição primordial que fundamentaria o renascimento da pátria, em articulação com a linguagem da tradição lusíada¹³.

Grosso modo, estes são os “mandamentos” pelos quais a *Renascença Portuguesa* se devia reger e que não encontravam grande oposição a Norte, o mesmo não acontecendo, como sabemos, a Sul. Este programa que António Sérgio classificaria como messiânico-mítico num “tom romântico, passional e expansivo”¹⁴, estava bem longe da visão política do exercício necessário à restauração do país, patente no manifesto escrito por Raul Proença.

A falta de consenso do texto de Pascoaes esteve na origem da redacção do texto escrito por Proença, na sequência de uma reunião em Lisboa (a primeira tinha tido lugar em Coimbra, como já referimos, de onde tinha saído o primeiro Manifesto), a menos de um mês de distância da primeira, sendo o grande ausente Teixeira de Pascoaes. Nesta reunião, fica decidido que o mentor do grupo lisbonense elaboraria um novo programa, ou seja, um novo Manifesto “ao povo para apresentar a Associação”. Elaborado o documento, que reuniu, ao que parece, um maior consenso, nem este nem o primeiro foram, contudo, apresentados ao povo português. A razão para a sua não divulgação imediata, deve ter ficado a dever-se à importância dada, desde o início, não propriamente ao documento, mas a quem o elaborou.

A revista *A Águia*, que a partir de 1912 seria o órgão da *Renascença*, não publicará nem divulgará os referidos textos, tendo sido o quinzenário *Vida Portuguesa* (também uma das publicações da *Renascença*), dirigido por Jaime Cortesão, que decide publicá-los em 1914.

Vejamos agora as principais linhas orientadoras do Manifesto elaborado por Raul Proença. Tal como atrás referimos em relação a Teixeira de Pascoaes, também o autor deste segundo texto torna claro os seus objectivos logo desde o título, dirigindo-se “Ao Povo – A *Renascença Portuguesa*”¹⁵. Estamos certos que Raul Proença não pretendia opor-se a Pascoaes levemente, mas sim convicto de que, para “dar uma alma

¹³ Veja-se, sobre este assunto, João Ferreira, “A questão do Pré-Modernismo na Literatura Portuguesa”, in *Núcleo de Estudos Portugueses*, UNB, Brasília, 1996, p. 130.

¹⁴ “Sobre a minha colaboração na obra da *Renascença Portuguesa*”, in *Portucale*, 3ª série, n.º12, Dezembro de 1912, p.85.

¹⁵ Saliente-se que, apesar da tese de Pascoaes sair vencedora, o nome que prevaleceu na Associação foi *Renascença Portuguesa* e não *Renascença Lusitana*.

nova à nossa nacionalidade, despertar a acção e vida nesta existência e modorra”¹⁶, o caminho era outro. Assim, em manifesta oposição às teses iniciais, a tónica é posta agora na crítica à falta de adesão às descobertas modernas, à ausência de progresso, ao desfasamento com o “espírito do tempo”, tendo como consequência a regressão a nível cultural. Escrevia Proença: “O nosso espírito, a nossa maneira de encarar os problemas, o nosso modo de os resolver, as ideias fundamentais que formamos da vida e do mundo, tudo isso que é o que importa numa sociedade (...), porque é o que nela há de garantias para uma sociedade melhor, são coisas anacrónicas, sem relação nenhuma com o meio europeu em que nos integramos fisicamente. É como se fôssemos uma pústula no meio da Europa, onde circula ininterruptamente sangue sempre novo e sempre vivificante. Como estremunhados pensamos ideias que não são para o nosso tempo, continuamos num sonho distante, estranhos à actividade, estranhos ao pensamento moderno”¹⁷.

Raul Proença entende, ao contrário de Pascoaes, que a estranheza, a ausência de conhecimento do que se ia passando um pouco por toda a Europa era motivo inibidor do nosso desenvolvimento e transformação, acontecendo que mesmo quando olhávamos para o exterior, fazíamos-lo tardiamente, ou seja, os progressos europeus eram importados desactualizadamente, facto que não potenciava os seus resultados positivos. Na sequência do trecho anterior, continua Proença: “De vez em quando, um golpe de vento mais forte sopra d’além Pirinéus e açoita-nos as faces: é o cientismo, é o positivismo, é o evolucionismo, é o determinismo. E é ver, então, como todos esses princípios que lá fora inspiram sucessivamente ideias de progresso, de criação e de conquista, e que tiveram por principal mérito ser fecundos, aqui se tornam prejudiciais, e se constituem em estorvos e em preconceitos. O amor da ciência só nos serviu para cremos que ela nos provou que muita coisa se não pode fazer; o positivismo para defendermos os dogmas parados; o evolucionismo para nos ensinar que tudo se faz muito devagar e que é bom portanto não nos mexermos muito depressa; o determinismo para nos ensinar que tudo é obra de leis imanescentes, e que não vale mesmo a pena mexeremo-nos absolutamente nada. As ideias que lá fora foram no seu momento progressivas tornaram-se, pois, aqui inibitórias, como afagos para a nossa passividade inata e para o nosso fatalismo hereditário”¹⁸. Embora seja longa esta citação,

¹⁶ In *A Vida Portuguesa*, Ano I, nº 22, 10/02/1914, pp. 11-12.

¹⁷ *Ibidem*, p. 12.

¹⁸ *Ibidem*, p. 13.

ela parece-nos fundamental para darmos a visão que Raul Proença tinha da cultura portuguesa. A solução para o cenário traçado era, no seu entender, levar a sociedade portuguesa ao encontro do mundo moderno, interessando-se “pelo que interessa aos homens de lá de fora, dar-lhe o espírito actual, a cultura actual...”¹⁹.

Este espírito de abertura e adesão às doutrinas novas da Europa eram princípios que, como sabemos, tinham sido também os da Geração de 70, onde certamente Proença colheu ensinamentos, afigurando-se-lhe como fundamentais para uma Renascença política e social da cultura portuguesa.

Inserido dentro das diferentes visões do destino a dar à Associação renascente, Raul Proença irá também propor a Jaime Cortesão um título diferente para a revista que iria ser o veículo de divulgação dos ideais do movimento²⁰. Em carta dirigida ao mentor da ideia do movimento, Raul Proença escreve: “...não julgamos de uma urgência absoluta a publicação da [revista] *A Águia*, mas quando daí quiserem. A respeito do título, havia efectivamente toda a conveniência em mudá-lo para *Renascença*, e era bom transigirem daí, porque é do nosso lado [dele e do grupo de Lisboa] que está a razão. *A Águia* servia magnificamente para título de uma revista literária, de gente moça, exclusivamente moça. Serviu pois magnificamente à nossa revista. Mas o caso é já outro. Trata-se de uma revista geral, que com o título *A Águia* veria falsificados os seus intuitos, e duma revista em que os competentes encarecidos da nossa terra têm também entrada. Já vê... enfim nós não faremos questão “internacional do caso” e se daí ligarem ao antigo título uma importância absoluta, nós acederemos...”²¹. Embora, como se sabe, o título da revista se tenha mantido, verifica-se, pelo teor destas afirmações, as diferentes perspectivas também quanto à forma dos meios divulgadores dos ideais renascentistas.

Pascoaes, tal como vinha sendo sugerido por Cortesão, torna-se o director literário da revista até 1921, ou seja, até ao final da segunda série, traçando, desde o primeiro número, os seus intuitos: “o fim desta revista, como órgão da Renascença Portuguesa, será, portanto dar um sentido às energias intelectuais que a nossa Raça possui, isto é, colocá-las em condições de se tornarem fecundas, de poderem realizar o ideal que,

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Diferente porque, uma vez que a revista *A Águia* já existia, Jaime Cortesão tinha sugerido que, embora remodelada, ela pudesse transformar-se no órgão do movimento a criar.

²¹ “Jaime Cortesão e Raul Proença: 30 Anos de Convívio Epistolar”, in *Revista da Biblioteca Nacional*, vol. I, nº 12, Janeiro-Dezembro de 1986, p. 56.

neste momento histórico, abraça todas as almas sinceramente portuguesas: criar um novo Portugal, ou, melhor, ressuscitar a pátria portuguesa, arrancá-la do túmulo onde a sepultaram (...) alguns séculos de escuridade física e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram”²². Definitivamente, Pascoaes “tinha na mão” o movimento da *Renascença Portuguesa*, fazendo prevalecer os valores de interioridade em que o poeta acreditava e onde a saudade era entendida como fonte de energia para o renascimento do povo português, contrariando o pragmatismo e a vertente racionalista das teses opositoras.

Embora uns e outros alheios às acções partidárias, Raul Proença pretendia uma acção política e pedagógica que teria como base “criar em Portugal estas duas coisas absolutamente novas: uma elite consciente e uma opinião pública esclarecida”²³, fins que sempre perseguiu ao longo da sua vida e da sua intervenção literária e jornalística, desde a criação do “Grupo Teófilo Braga” passando pela *A Águia* e pela *Alma Nacional*, até à *Seara Nova*, de que foi um dos fundadores e colaboradores mais activos e interventivos. Assim, um certo nacionalismo anti-europeu veiculado pelo manifesto de Pascoaes, tendo como base o seu misticismo religioso da saudade, chocava de todo com o projecto europeísta modernizante de Proença, corroborado pela maioria dos elementos do núcleo de Lisboa, com destaque para António Sérgio, facto que se constituiu como o principal motivo da dissidência de Proença, pese embora todos os esforços desenvolvidos pelo mentor da ideia da criação da *Renascença Portuguesa*: Jaime Cortesão.

Mesmo assim, Raul Proença não se afastou em definitivo da *Renascença*, apesar do predomínio da “falange emotiva, mística, amorosa de sonho e de mistério”²⁴. Este predomínio é justificado, da parte de Proença, pelo muito maior empenho do núcleo do norte, “entusiasta, febril, ébrio de dedicação e audácia”, perante “o pessimismo, a descrença, a falta de iniciativa e ímpeto do sul”. Assim, afirmava Proença, “por culpa dos elementos do sul, a poesia tinha tomado posse da *A Águia*, da primeira página até à última; por culpa dos elementos do sul, a *Renascença Portuguesa* falhara completamente a sua missão”²⁵. Raul Proença justifica, assim, o falhanço das teses que defendia para a missão da *Renascença*.

²² In revista *A Águia*, nº 1, II série, Janeiro de 1912.

²³ In *Vida Portuguesa*, nº 22, Fevereiro de 1914, p. 12.

²⁴ Raul Proença, in *Inquérito Literário de Boavida Portugal*, Clássica Editora, Lisboa, 1915.

²⁵ Idem, *ibidem*.

Ainda que não deixasse de dizer que a *Renascença* falhara a sua missão, nem por isso, contudo, deixou de se referir aos seus companheiros do norte como “criaturas de alto valor, de nobre senso moral, credoras da nossa admiração e do nosso respeito”²⁶.

Obviamente que a missão da *Renascença* se cumpriu, não tendo sido, porém, a sua missão aquela que Proença desejaria. Não obstante, Proença não deixa de continuar a colaborar na revista *A Águia*, agora como órgão da Associação. Sempre fiel às suas ideias e aos seus princípios, os artigos que escrevera na *A Águia* (1ª série), como os que continuaria a escrever na segunda, revelam as características do intelectual político e doutrinador de ideias que sempre foi.

As tensões verificadas no início da criação da *Renascença Portuguesa* não constituíram, contudo, obstáculo para a sua inequívoca importância no panorama cultural português do tempo e para além dele, ainda que essas tensões possam ter apressado o declínio e o fim do movimento. Durante cerca de vinte anos (de 1912 a 1932), a actividade do movimento nortenho, com a sua revista *A Águia*, por onde passou a maioria da intelectualidade eminente da cultura de então, prestou ao país um incedível contributo para a sua identificação.

A renovação cultural, que todos pretendiam, foi iniciada e posta em prática por diferentes meios —conferências, livros, escolas (universidades populares), revistas, panfletos, manifestos, exposições, inquéritos, viagens de informação e de estudo—, a que Raul Proença e Pascoaes aludiam nos seus manifestos. Algumas das grandes questões do espírito humano na sua expressão nacional e também fora dela foram equacionadas na *A Águia*, na *Vida Portuguesa* e através da importante actividade editorial levada a cabo pela *Renascença*.

E se a *Renascença* terminou, não terminaram nem poderiam terminar os seus horizontes, aqueles que se inscrevem no plano da mais autêntica existência humana, pois esses não têm fim. A caminhada teria de prosseguir, como prosseguiu e prosseguirá.

“O sonho precede a acção”, afirmava Pascoaes. Esta afirmação aplica-se bem aos ditames que estiveram na origem de quase todos os movimentos culturais, particularmente o da *Renascença*, que surgiu, como declarou Cortesão, “de um daqueles momentos divinos e inspirados de irresistível inclinação para o bem”²⁷.

²⁶ Idem, *ibidem*.

²⁷ Carta de Cortesão a Proença, de 26/7/1911, in *Catálogo da Exposição comemorativa do Primeiro Centenário (1884-1984)*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1985.

A necessidade que Proença expressara, no seu manifesto, de dar uma alma nova à nossa nacionalidade, despertando acção e vida “nesta existência de modorra”, para que surgisse “alguma coisa que nos alimente a esperança, móvel da revolução e fonte de toda a vida”, e que pela *Renascença* pensa não ter sido possível, foi depois o móbil da criação do movimento e revista *Seara Nova*, que se começa a publicar em 1921, a qual se constituiu como a sua nova e grande aposta, que lhe permitiu concretizar o seu sonho frustrado da *Renascença*.